

TURISMO RELIGIOSO

João Martins Vieira

Economista, Professor Auxiliar Convidado da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, na Licenciatura em Planeamento e Desenvolvimento do Turismo

Resumo

O turismo religioso tem hoje, como sempre teve no passado, uma enorme importância que lhe advém do facto de se situar na confluência de dois dos fenómenos sócio – culturais mais significativos do actual estágio da civilização humana: a religião e o turismo. A vivência deste tipo de turismo é induzida sobretudo por factores, individuais ou colectivos, directamente relacionados com a sua Fé situando-se “na confluência de duas polaridades opostas”: o mundo profano e o mundo religioso. Por isso as suas principais características são a multifuncionalidade das deslocações e a sobreposição das motivações dos turistas-peregrinos. A peregrinação é um exemplo dessa vivência. Por outro lado o “espaço religioso” como a cidade de Jerusalém e o património eclesiástico constituem importantes recursos turísticos que atraem milhões de visitantes dando ao turismo religioso uma importância que, apesar de negligenciada, deve ser potenciada.

Preâmbulo

A Semana do Turismo da Universidade Lusófona* é, este ano, subordinada ao tema “Novos Produtos Turísticos para Portugal” nele tendo sido incluído o – e bem – “Turismo Religioso”. Não que se trate realmente de um produto novo por não existir antes mas sim porque, apesar de antigo, ele foi sistematicamente esquecido e ignorado por uns e tratado com amadorismo por outros, parecendo ter chegado agora o momento de os responsáveis pelo turismo nacional se redimirem de tão grave falta, mesmo que para isso tenha sido necessária a oportuna chamada de atenção feita pela nossa universidade ao incluí-lo como tema deste Seminário. Congratulamo-nos com isso.

Num país onde o planeamento turístico é, há meio século, quase que exclusivamente dirigido para o “sol e praia” e para a exploração turística da faixa litoral da costa algarvia, ao sabor dos interesses dos grandes grupos de operadores internacionais, perguntar-se-à porque é importante falar agora – e só agora – em “novos produtos turísticos”. A resposta é simples: é que aquele modelo de desenvolvimento turístico está esgotado, gerou uma insustentável pressão sobre as comunidades de acolhimento e o território e acabou por privilegiar a satisfação de interesses, nem sempre legítimos, de especuladores, nacionais mas, sobretudo, estrangeiros, em detrimento dos superiores interesses sociais, culturais e económicos regionais ou nacionais.

O velho turismo “sol e praia” que, apesar de tudo, não podemos ignorar, está isso mesmo: velho.

* Esta comunicação sobre o “Turismo Religioso” foi feita no âmbito da “Semana do Turismo 2000: Novos Produtos Turísticos para Portugal” organizada pela licenciatura em Planeamento e Desenvolvimento do Turismo, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Pena foi que no meio século passado, apesar de algumas iniciativas pontuais e desgarradas, tivessem sido esquecidos, entre outros, e mau grado a sua importância, alguns tipos de turismo, nomeadamente:

- o turismo étnico, importante sustentáculo do nosso turismo internacional;
- o turismo designado por “visita a amigos e família” base do turismo interno durante todo o ano e amortecedor dos efeitos negativos da sazonalidade do turismo de praia;
- o turismo gastronómico de grande importância nos fins de semana em todo o território;
- o turismo religioso, também sazonal mas que tende cada vez mais a sê-lo cada vez menos.

Estes e tantos outros importantes tipos de turismo devem merecer a nossa insistente e cuidada atenção e profundo estudo na certeza de que se acabará por despertar e motivar a atenção dos responsáveis nacionais pela política do turismo para que vejam este fenómeno social na sua total dimensão. Porém, por agora vamos apenas falar sobre “Turismo Religioso” e quero desde já manifestar-vos quanto me agrada poder fazê-lo nesta ocasião e perante os alunos da Universidade Lusófona que, espero, virão a ser os futuros dirigentes do turismo nacional.

Esta minha exposição tem pois como objectivo principal despertar a atenção dos decisores nacionais e do meio académico, professores e alunos, para a importância do Turismo Religioso, importância essa que lhe advém das suas características intrínsecas e da sua universal dimensão como se vê pelo quadro seguinte onde se indica o número dos respectivos praticantes em 1999:

– Judeus	14 milhões
– Budistas	650 milhões
– Muçulmanos	1.147 milhões
– Hinduístas	800 milhões
– Cristãos	1.929 milhões

Começarei por caracterizá-lo e defini-lo no contexto do fenómeno turístico global para depois deixarmos algumas pistas para o seu estudo mais aprofundado, fazendo a sua abordagem, aqui forçosamente sucinta, quer a partir do fenómeno religioso quer, do polo oposto, a partir do fenómeno turístico. Depois de falarmos sobre a dimensão religiosa do fenómeno turístico vamos dedicar a nossa atenção à ligação entre o turismo e o fenómeno religioso. Trata-se, portanto, de dois enfoques diferentes da mesma realidade o que aumenta a riqueza da análise. A síntese e a conclusão resultarão da confluência destas duas abordagens.

O turismo religioso no contexto do fenómeno turístico global

Vamos, em primeiro lugar, definir o que entendemos por turismo religioso e enquadrá-lo no complexo fenómeno do turismo global. Esta definição e este enquadramento são indispensáveis para esclarecermos o conteúdo da expressão “turismo religioso” e para delimitarmos o campo da nossa análise; por sua vez, esta delimitação é importante porque, quando falamos de turismo religioso estamos a falar de dois fenómenos sociais – a religião e o turismo – um e outro de contornos nem sempre bem definidos e que, por vezes, se encontram, se entrechecam e se sobrepõem. Deixemos de lado o fenómeno religioso que, apesar da sua enorme importância não cabe nesta intervenção e façamos incidir a nossa atenção no fenómeno turístico, começando por caracterizá-lo embora de forma muito genérica e sucinta. Veremos depois como ele se pode aproximar do fenómeno religioso.

Caracterização do fenómeno turístico

O turismo é um fenómeno social resultante da migração voluntária e temporária de residentes num determinado território que se deslocam dentro desse território ou para outro, sendo esta migração estimulada ou motivada por factores que têm a ver quer com o próprio indivíduo quer com o destino da referida migração.

De entre os primeiros, ou seja os factores individuais que levam à vivência do fenómeno turístico, podemos referir a busca de novas emoções cada vez mais fortes e a vontade de conhecer novas terras e novas gentes se possível carregadas de exotismo, a fruição de novas e excitantes experiências turísticas ou a repetição das antigas, e a satisfação de desejos ou ambições pessoais. Fazer turismo é estar na moda – o turismo é um modismo – e não fazer turismo é auto excluir-se socialmente. A complexidade e a riqueza destes factores individuais leva-nos a dizer que o turismo é também e sobretudo uma fábrica de sonhos – como diz o poeta “o sonho comanda a vida” – na qual esperamos experimentar emoções mais ou menos fortes.

No segundo grupo de factores, os que têm a ver com o destino da migração, incluímos os atributos do próprio destino turístico que constituem a sua atractividade, que o marcam caracterizando-o e que o individualizam diferenciando-o dos destinos concorrentes, sendo esses diversos atributos compostos por elementos ou recursos naturais, culturais ou sociais.

São estes dois grupos de factores que impulsionam, que induzem, que motivam o indivíduo a sair da sua casa e da sua terra ao encontro de outros indivíduos e de outras terras. Em geral, as motivações no ser humano têm como dado essencial a busca de emoções, a satisfação de uma falta ou insuficiência individual através da fruição dos correspondentes atributos reconhecidos no objecto dessas motivações. É do

encontro dessas motivações individuais com a fruição dos atributos do destino turístico que resulta o fenómeno turístico o qual, de forma talvez excessivamente simples, designamos habitualmente apenas por turismo, palavra certamente demasiado pequena para tão amplo conteúdo.

Mas vamos caracterizá-lo um pouco melhor ainda. O turismo inclui sempre três elementos: a viagem, a permanência no destino e as inter-relações passivas ou activas entre os turistas e as comunidades de acolhimento e de passagem. Por sua vez, a importância relativa de cada um destes três elementos na experiência turística individual é função de um conjunto de facilitadores de que destaco o rendimento disponível, ou melhor ainda a capacidade económica individual e familiar – a unidade “família” é, no turismo, mais importante do que o indivíduo – e a possibilidade de fruição voluntária do tempo vital livre das obrigações de trabalho ou de outras, sendo o turismo uma das muitas formas de ocupação possível desse tempo livre.

A conjugação, por um lado, das motivações dos turistas e dos atributos dos destinos turísticos e, por outro, da sua capacidade económica e disponibilidade temporal permite a construção de uma tipologia identificando vários tipos de turismo. Assim temos, entre muitos outros, com atributos e características identificadoras próprias que satisfazem as correspondentes motivações, o turismo de vilegiatura, o turismo de negócios, o turismo cultural, o turismo de saúde, o turismo desportivo, o turismo da natureza, o turismo aventura e o turismo religioso. É deste que nos iremos agora ocupar com mais detalhe.

Uma definição de turismo religioso

Começemos por evidenciar as principais características do turismo religioso definido e identificado como confluência dos fenómenos “turismo” e “religião”, balizando, assim, um universo vasto e complexo, com leituras e vivências muito diferentes e por vezes até conflituosas, quer de indivíduo para indivíduo.

Os poucos autores que se têm debruçado sobre este tema defendem que o turismo religioso é caracterizado por uma ligação íntima entre o fenómeno turístico e o fenómeno religioso. Dando especial ênfase à sua componente motivacional, o professor Rinschede da Universidade de Regensburg afirma que “turismo religioso é o tipo de turismo em que os participantes são motivados em parte ou exclusivamente por razões religiosas”¹. Para a antropóloga americana Valene Smith da Universidade do Estado da Califórnia², “o turismo religioso situa-se na confluência de polaridades opostas: o mundo profano ou secular e o mundo religioso”, cada um com os seus deuses, liturgias e

monumentos e o seu tipo de participante, crente ou ateu. Assim, enquanto num polo extremo – o mundo profano – encontramos o turista secular, no outro – o mundo religioso – encontramos o peregrino piedoso.

Se utilizarmos as duas definições podemos dizer que o turismo religioso se encontra e se situa num espaço difuso confluente entre os dois universos onde encontramos, de acordo com a importância relativa da motivação da cada um, também o “turista – peregrino” e o “peregrino – turista” que podemos definir respectivamente como o turista sem motivação religiosa que visita também o espaço religioso e o peregrino, portanto de motivação essencialmente religiosa, que faz também turismo em locais não religiosos.

Como geralmente acontece, sobretudo nas ciências sociais, também no turismo a taxinomia³ se torna quase impossível e por isso proponho que abordemos aqui e agora, na Semana do Turismo 2000 e perante os actuais e os futuros dirigentes e técnicos do turismo nacional, o nosso tema: “Turismo Religioso – Novo Produto Turístico” dando especial ênfase à sua componente turística em detrimento da componente religiosa apesar da sua evidente importância. Não podemos contudo esquecer a visão que dele têm aqueles que estão mais preocupados em olhar o turismo a partir do universo religioso, quanto mais não seja porque deles depende em boa parte a gestão dos monumentos, das igrejas, dos conventos e dos museus de arte sacra, elementos constituintes e facilitadores da fruição dos recursos religiosos postos à disposição do turismo. É dessa visão que iremos tratar agora.

A dimensão religiosa do fenómeno turístico

A imagem redutora do turismo a um tempo de frivolidade e de laxismo nos comportamentos dos turistas não tem permitido que teólogos e técnicos de turismo se distanciem, respectivamente, do fenómeno turístico e do fenómeno religioso por forma a poderem fazer uma correcta leitura dos seus pontos de encontro. Registemos apenas e como exemplo dessa visão deficiente que, injustamente, se vai hoje longe de mais quando se fala em turismo sexual e em turismo de exploração de menores, ligando assim o fenómeno turístico a perversos comportamentos humanos com os quais o turismo nada tem a ver. Como outros exemplos desta distanciação entre os dois mundos que se olham com alguma desconfiança podemos referir a proibição de visitas turísticas a Meca e a Medina e ao interior de templos no Extremo Oriente.

Para os turistas de motivação religiosa “fazer turismo” é uma forma sublime de apreciar a criação do mundo, de louvar a Deus e, mesmo que isso aconteça de forma inconsciente, todo o turismo é, para eles e nesse sentido, religioso. O antropólogo Peter Burns da Universidade de

¹ Rinschede, G., *Forms of Religious Tourism*, Annals of Tourism Research, vol. 19, 1992.

² Smith, Valene L., *Introduction – The Quest in Guest*, idem.

³ Do grego “táxis” = ordem e “nómos” = lei.

Luton defende mesmo que o turismo pode ser interpretado como “uma forma moderna de peregrinação”⁴. Por outro lado não podemos dizer que todas as deslocações com motivação religiosa são deslocações turísticas. Estamos, pois, perante dois mundos que nem sempre se encontram claramente e que, quando o fazem, é por entre uma névoa que não permitem ver o terreno que pisamos.

A doutrina da Igreja católica sobre turismo também não nos ajuda muito. O primeiro documento em que a Igreja falou de turismo foi um discurso do Papa Pio XII aos órgãos de turismo italianos no já longínquo ano de 1952 e em que é ressaltada a importância do turismo no desenvolvimento da pessoa humana e o Papa chama a atenção para os seus valores espirituais, dizendo que:

- o turismo ajuda a desenvolver a personalidade psicológica e moral do indivíduo;
- o turismo, através dos seus valores espirituais, desperta a consciência social, ajuda a reduzir os preconceitos entre os indivíduos e conduz ao mútuo respeito entre as nações;
- o turismo cria as condições objectivas para a elevação espiritual da pessoa humana.

Apesar deste evidente interesse por um fenómeno que então despertava, só passados quinze anos, em 1967, foi organizado em Roma o primeiro Congresso Mundial de Turismo, conjuntamente pela Organização Mundial do Turismo e pela Igreja Católica.

Mais tarde, Paulo VI, na Encíclica *Populorum Progressio* reafirmou os valores do moderno turismo na vida dos povos e, na Carta *Ecclesiae Sanctae* sobre a implementação dos decretos do Concílio Vaticano II, recomendou aos bispos a constituição de uma comissão para tratar da pastoral do turismo. Finalmente, em 1970, João Paulo II por Carta Apostólica estabeleceu a Comissão Pontifícia para a Pastoral das Migrações e do Turismo. A Igreja não foi muito além destas ténues referências na sua apreciação e intervenção em tão importante fenómeno social e cultural, certamente porque a sua rígida estrutura funcional não se compadece com a fluidez de uma incontrolável comunidade de milhões de pessoas em permanente movimento dentro de cada país e de uns países para outros.

Enquanto para os turistas de motivação religiosa os atractivos de uma peregrinação pouco ou nada extravasam essa dimensão, outros turistas há que, embora motivados a viajar por outras razões, acabarão por visitar os mesmos lugares de culto que os turistas crentes. De facto, a maioria dos edifícios religiosos tais como basílicas, catedrais, mosteiros, conventos e templos têm, em geral, um valor histórico e cultural que complementa o seu valor como lugar de culto.

As atracções de turismo religioso ou os recursos turísticos de índole religiosa, podem ser agrupados em três classes: os lugares sagrados usa-

dos no culto, os locais ligados à religião mas onde não se pratica o culto e os eventos ou festividades com forte ligação religiosa:

- entre os locais de culto que também atraem muitos turistas seculares contam-se, por exemplo, o Santuário de Fátima, a Catedral de Santiago de Compostela, a Catedral de Notre Dame em Paris, a Abadia de Westminster em Londres, a Sé e o Mosteiro dos Jerónimos em Lisboa, a Abadia do Monte de Saint Michel⁵ em França além de muitos outros;
- existem ainda alguns monumentos ou locais ligados ao fenómeno religioso, também muito visitados por turistas mas onde não se pratica qualquer culto: é o caso, por exemplo, do Cristo Redentor do Corcovado no Rio de Janeiro, do Monte Sinai e do Templo de Delfos na Grécia;
- como exemplo de eventos religiosos ou com forte ligação religiosa, temos a Semana Santa em Sevilha, o S. João no Porto e, em Lisboa, a Procissão da Senhora da Saúde e os Santos Populares, confundindo-se por vezes a manifestação religiosa com o espectáculo para turistas. Os crentes, com as suas manifestações individuais e colectivas, tais como procissões, peregrinações e celebrações solenes acabam por ser assim parte da vivência dos não crentes.

Devemos ainda acrescentar que em muitos locais predominantemente turísticos e sem motivação religiosa explícita, existem museus com exposições de objectos de culto, livros e imagens que constituem importantes atracções turísticas.

Mas a peregrinação é, sem dúvida, como veremos adiante, a expressão mais significativa do encontro dos mundos religioso e turístico.

O turismo e o fenómeno religioso

O turismo e a religião são dois fenómenos sociais que se desenvolvem, um e outro, com base na pessoa humana mas, como vimos já, em universos não coincidentes, por vezes complementares e algumas vezes até antagónicos.

Pierre Talec, responsável pela Pastoral do Turismo e dos Tempos Livres em Paris afirma⁶ que “o turismo religioso adquiriu direito de cidadania no mundo dos tempos livres” e considera “o peregrino, antes de mais, como um turista” porque utiliza a mesma logística que o turista profano – os hotéis⁷, os restaurantes, os transportes, os agentes de

⁴ Burns, Peter M., *An Introduction to Tourism and Anthropology*, Routledge, London, 1999.

⁵ No Monte de Saint-Michel existem duas abadias, ambas beneditinas, a Abadia Romana construída entre 1017 e 1144 e a Abadia Gótica construída entre 1211 e 1228 com ornamentação gótica normanda. As cadeiras do coro foram vendidas como lenha no início do século XIX. Apesar dos esforços de Victor Hugo (1802-1885) foi construído em 1874 um dique que desfigurou a ilha. É visitada por dois milhões de turistas por ano.

⁶ Pierre Talec. *Définition du tourisme religieux*. Cahiers Espaces n.º 30.

⁷ Lourdes é a cidade francesa com maior oferta de alojamento em hotelaria, logo após Paris!

viagens, etc. Ele defende que o turismo religioso deve ser abordado segundo três perspectivas:

- o turismo religioso sob o ponto de vista espiritual como uma forma moderna de estar ligado ao Deus Criador;
- o turismo religioso sob o ponto de vista sociológico, isto é, como uma forma de acesso de crentes e de não crentes à cultura emanante das grandes religiões, nomeadamente à sua expressão artística que designamos por arte sacra (monumental, musical, etc.), ultrapassando a mera ligação dos crentes à sua religião; e, por fim,
- o turismo religioso como uma forma de valorização do homem por ser a expressão da complementaridade do mundo do espiritual e do mundo do cultural, considerando este como a “expressão da dignidade humana”.

Para Pierre Talec o turismo religioso é pois marcado, sobretudo, pelo primado do seu conteúdo espiritual sobre os seus aspectos culturais ou sociais mas, sem retirar mérito a esta apreciação, parece importante que possamos alargar o nosso campo de estudo, na quase certeza de que enriqueceremos assim, a nossa análise e as nossas conclusões. Vamos fazê-lo, embora numa forma sucinta, não só penetrando na riqueza do seu conteúdo como ainda considerando outras religiões para além do cristianismo.

A ligação entre turismo e religião é tão antiga quanto o próprio turismo. De facto, sendo este, na sua expressão actual, um fenómeno relativamente recente, era natural que as suas primitivas formas se radicassem no fenómeno religioso. Foi isso que aconteceu, considerando quase todos os estudiosos do fenómeno turístico que as peregrinações medievais terão sido as primeiras deslocacões que podemos caracterizar como turísticas. Assim sendo, o turismo começou pois com uma manifestação religiosa – a peregrinação – sendo o peregrino, portanto, um turista de motivação religiosa.

Por outro lado, só existe turismo religioso porque existe um fenómeno religioso embora na sua grande diversidade de formas de expressão que vão desde as religiões cristãs, ao Islamismo⁸, ao Confucionismo⁹, ao Bramanismo, ao Budismo¹⁰ (que deu origem ao politeísmo do Hinduismo¹¹ por volta do ano 1000 e ao Lamaísmo), ao Taoísmo, ao Xintoísmo¹² do Japão e ao Judaísmo para não falar nos inúmeros cultos, crenças, mitos e seitas existentes um pouco por todo o mundo. Notemos, porque isso é importante sob o ponto de vista turístico, que enquanto os cultos e as seitas têm uma difusão apenas local ou, quan-

do muito, regional, as grandes religiões têm um centro de difusão a partir do qual foram, por acção dos seus prosélitos, alargando a sua área de influência para locais mais ou menos afastados onde constituem manifestações alóctones ou importadas.

Esta maior ou menor dispersão geográfica do fenómeno religioso gera nos fiéis a necessidade e o imperativo de fé de realizarem migrações temporárias aos lugares santos ou centros religiosos podendo elas consubstanciar, por isso, o que se entende por turismo religioso, de que são expressão mais comum as peregrinações dos cristãos e dos islâmicos aos seus principais lugares santos, respectivamente Jerusalém e Roma, e Meca e Medina. Estas peregrinações e outras realizadas a diversos lugares de culto movimentaram no final do século milhões de crentes por ano, como se pode ver pelo quadro seguinte:

Locais de peregrinação

	Local	N.º de peregrinos	Ano
Roma	Itália	10.000.000	1987
Imaculada Conceição	Washington	10.000.000	1991
Notre Dame	Paris	8.000.000	1991
Montmartre	Paris	6.000.000	1991
Lourdes	França	5.500.000	1991
Jasna Gora	Czestochova	5.000.000	1984
Assis	Itália	4.500.000	1991
Pádua	Itália	4.500.000	1987
Aparecida	Brasil	4.300.000	1991
Fátima	Portugal	4.000.000	1991
Loreto	Itália	3.500.000	1991
Guadalupe	México	2.000.000	1984
Jerusalém	Israel	1.100.000	1991
Goa	União Indiana	1.000.000	1991
Meca	Arábia Saudita	850.000	1986
Marija Bistrica	Croácia	400.000	1983

Fonte: Ref. por Boris Yukoni'c em *Tourism and Religion*, Pergamon, Oxford, 1996.
BIT – Borsa Internazionale del Turismo.

Estes mais de 70 milhões de visitantes nacionais e estrangeiros destes destinos religiosos constituem um enorme fluxo de turistas que, antes ou depois da sua peregrinação, podem ainda deslocar-se a outros destinos não religiosos contribuindo, assim, para o desenvolvimento turístico nacional e internacional. Por outro lado e de forma semelhante, também os turistas tradicionais, durante a sua permanência no seu destino turístico podem – e muitas vezes o fazem – deslocar-se a locais de culto e de peregrinação. De facto, no nosso caso, muitos peregrinos que vêm a Fátima, visitam antes ou depois o Mosteiro da Batalha, a cidade de Lisboa ou passam mesmo uns dias de férias no Algarve. Por outro lado, muitos turistas que visitam, por exemplo, Lisboa, fazem também uma viagem de um dia a Fátima. Quer num caso, quer noutro trata-se de viagens multifuncionais em que a motivação principal pode ou não ser de índole religiosa o que nos leva a afirmar que qualquer

⁸ Foi fundado por Maomé e baseia-se no Al-Coran. O Islão assenta em 5 pilares: a dupla profissão de fé em Deus e em Maomé, a oração, a esmola, o jejum no Ramadão e a peregrinação a Meca.

⁹ Fundado por Confúcio (551-479 A.C.) é uma religião baseada na moral.

¹⁰ Fundado por Buda no século V.º AC.

¹¹ Religião bramânica da Índia tem 4 deuses principais, Brama, Vixnu, Xiva e Xákti e baseava a organização social em castas.

¹² Tem o sol (Amaterasu) como Deus.

estudo da procura de produtos ou serviços proporcionados no âmbito da economia do turismo religioso deve passar, antes de mais, pela sua correcta segmentação baseada em critérios motivacionais.

Se o turismo é, como vimos, uma migração temporária desencadeada por motivações especiais, é lícito perguntarmos quais são as motivações específicas do turismo religioso, ou quais são os factores de atractividade de um destino de turismo religioso.

Depois de abordarmos o interessante fenómeno das peregrinações medievais vamos deixar aqui algumas linhas para futura investigação do tema, já que aprofundá-lo agora é impossível porque me faltaria a mim o tempo e a todos vós a paciência.

A peregrinação como expressão máxima do turismo religioso

“Um povo que caminha” é como Daniel-Rops caracteriza o período das grandes peregrinações medievais¹³. Peregrinar é um acto de devoção centrado no peregrino caminheiro e que se caracteriza pelo seu comportamento, pelas suas motivações, pelo contexto histórico e geográfico em que se desenrola e pela finalidade do seu peregrinar. O peregrino de motivação religiosa é o “*homo viator*” que, motivado pela vontade de expiar os seus pecados e aprofundar o conhecimento da sua fé, percorre os caminhos servindo, mesmo sem disso se dar conta, e tal como o turista secular, de instrumento de comunicação entre os povos.

Peregrinar implica portanto fazer um caminho para um destino e exige uma vontade de veneração que pode ser religiosa ou profana. As peregrinações religiosas a Santiago, a Fátima, a Roma, a Jerusalém e a Meca são conhecidas de todos. Como peregrinações profanas podemos referir, por exemplo, as visitas aos túmulos de Lenine e de Elvis Presley e ao Estádio da Luz – chamado a catedral (!!!) do futebol encarnado – que é visitado por milhares de benfiquistas por ano, mesmo em dias sem jogo.

Este peregrinar moderno não se encontra com o fenómeno turístico a não ser quando utiliza as infraestruturas turísticas tais como os hotéis, os transportes e os restaurantes e por isso podemos dizer que peregrinar não é em si mesmo fazer turismo, nem mesmo o chamado turismo religioso.

Peregrinar é um fenómeno muito antigo que atingiu o seu esplendor na Antiguidade com as peregrinações gregas ao templo de Apolo no santuário de Delfos.

O primeiro relato conhecido de uma peregrinação é do historiador Eusébio que menciona a visita a Jerusalém em 212 de Alexandre, bispo da Capadócia¹⁴. No século seguinte, em 326, Helena, mãe do Imperador Constantino foi a Jerusalém onde mandou construir a Basílica do Santo

Sepulcro e, em Belém, a Basílica da Natividade. Nos séculos IV e V eram célebres os dois relatos de peregrinações *Itinerarium burdigalense* (333) e *Peregrinatio* da religiosa espanhola Silvia Etéria (400). Em 990 Sigerico bispo de Canterbury faz uma peregrinação a Roma que relatou no seu célebre *Itinerarium* que serviu de guia ao grande movimento de peregrinos no século seguinte.

No primeiro período, as peregrinações dirigiam-se exclusivamente a Jerusalém, Cidade Santa que, apesar de ocupada pelos Árabes em 638, continuou a ser visitada até à sua conquista em 1079 pelos Seljúcidas, turcos “infieis” que prendiam, chacinavam ou reduziam à escravidão os peregrinos dando assim origem à primeira cruzada de reconquista e libertação. Na viagem para Jerusalém os peregrinos atravessavam a Itália pela Via Emília até Brindisi onde embarcavam para a Síria seguindo depois a pé. Com a tomada de Constantinopla em 1453 as peregrinações a Jerusalém foram suspensas durante séculos.

A partir de 1079 o destino principal das peregrinações cristãs passou a ser Roma a capital da cristandade, chamada então de “nova Jerusalém” uma vez que a antiga se mantinha inacessível. No início do IIº milénio a Europa era percorrida de norte para sul e de nascente para poente por uma multidão de crentes, ao longo de percursos como o Caminho de Santiago e a Via Francígena. Esta – que deve o seu nome aos francos – conduzia a Roma, partindo de vários pontos como os Alpes Ocidentais, Londres e a região do Reno, convergindo para Pavia, depois da difícil travessia dos Alpes que era feita pelo desfiladeiro do Grande São Bernardo e que deve o seu nome ao fundador do mosteiro que desde 1050 apoiava os viajantes com os célebres cães treinados para descobrir e apoiar pessoas apanhadas por avalanches e enterradas na neve. Depois da então monumental capital da Lombardia e da difícil travessia do rio Pó, a Via Francígena seguia para Roma seu destino final. Aí ficavam alojados em hospedarias para peregrinos como o *Albergo dell’ Orso* precursor da hotelaria moderna naquela cidade.

“Todos os caminhos vão dar a Roma” e “Roma e Pavia não se fizeram num dia” são ditos que corriam e correm ainda hoje na Europa e que têm a sua origem nas aventuras contadas pelos romeiros de regresso às suas terras...

Cerca de 870 foi identificado o sarcófago com o corpo de Santiago que havia desaparecido durante as invasões muçulmanas facto que deu origem à primeira peregrinação a Compostela depois sempre repetida ao longo de séculos contando com milhões de peregrinos que percorrem os chamados Caminhos de Santiago.

Os Caminhos de Santiago e a Via Francígena são de facto caminhos de peregrinação de tão grande importância histórica e religiosa que a União Europeia está actualmente a apoiar a sua recuperação tendo-os considerado Itinerários Culturais Europeus. Para além destes caminhos e lugares de peregrinação existiam muitos outros também importantes como o Santuário da Virgem em Chartres, o Centro Franciscano em Assis, o Loreto e a Basílica de Santo António em Pádua.

¹³ Rops, Daniel, *História da Igreja de Cristo*, vol. III A Igreja das Catedrais e das Cruzadas, Livraria Tavares Martins, Porto 1961.

¹⁴ Mourre, Michel – *Dictionnaire Encyclopedique d’ Histoire*, Paris 1996, pág. 4240.

Para além destes caminhos e destinos de peregrinações, também os Anos Jubilares iniciados pelo último grande Papa da Idade Média, Bonifácio VIII, em 1300¹⁵ e cuja 26ª celebração decorreu no ano passado, marcaram a história política da Europa mas, mais importante do que isso, marcaram a história e o desenvolvimento das ideias europeias difundidas nas difíceis deslocções de milhares de cristãos que, a caminho de Roma, pernoitavam em conventos, castelos e estalagens. Imaginemos a profusão de encontros de guerreiros, príncipes e intelectuais, o manancial de trocas de ideias e o confronto de costumes diferentes que estas longas caminhadas proporcionavam.

Na Idade Média os viajantes aos lugares santos que hoje designamos genericamente por peregrinos, eram chamados de:

- *romeiros* ou *romites*, os que peregrinavam a Roma;
- *palmieri* ou *paulmiers*, os que peregrinavam a Jerusalém de onde traziam uma palma semelhante à que Jesus Cristo tinha utilizado quando entrou em Jerusalém antes da Paixão;
- peregrinos ou *jacobites*, os que visitavam Santiago de Compostela.

O peregrino, que partia munido de uma carta de recomendação do seu bispo, gozava, então de um estatuto especial contando com os *xenodochio*¹⁶, e hospícios para tratamento. Na baixa lisboeta, onde hoje confluem as ruas de S. Julião e da Padaria, atrás da Igreja da Madalena, existiu, no século XIII, um hospício para acolher exclusivamente os peregrinos que vinham de Jerusalém doentes e estropiados, o apropriadamente chamado hospital dos Palmeiros.

Hoje contam-se inúmeros lugares de peregrinação de católicos, muitos deles santuários marianos implantados quase todos depois do Concílio de Trento no fim do século XVI, como, por exemplo, na Europa:

Itália	50
Áustria	38
Espanha	34
França	28
Alemanha	29
Portugal	28
Suíça	28
Polónia	23

Este vasto e importante movimento de peregrinos sofre na Europa não latina uma significativa redução com a Reforma que não considera o culto da Virgem nem dos santos.

¹⁵ Alguns historiadores defendem que Bonifácio VIII convocou o primeiro Jubileu que levou 2 milhões de cristãos a Roma (Dante foi um deles e relata na Divina Comédia a confusão que então se viveu em Roma), como manifestação de força contra Filipe O Belo, rei de França, que queria obrigar o clero a pagar impostos. Apesar disso, em 1303 Bonifácio VIII acabou por ser encarcerado e torturado em Agnani.

¹⁶ Espaços gratuitos para acolher peregrinos.

Mas também fora da cristandade este peregrinar pelo mundo foi e é importante. Os cristãos ortodoxos que peregrinavam sobretudo para receber o avisado conselho de algum ancião de renome antes da tomada de qualquer decisão crucial, têm também Jerusalém como principal lugar de peregrinação, seguido do Monte Athos, na Grécia, onde existem 20 mosteiros.

Os ortodoxos russos estão agora também a ressurgir depois do desmoronamento do império soviético.

Milhões de crentes hindus visitam as sete cidades santas do hinduísmo e os sete rios sagrados. Cerca de 20 milhões de hindus crentes na deusa Shiva, visitam todos os anos Allahabad (Uttar Pradesh), na foz confluyente dos rios Ganges e Yamuna. A grande peregrinação hindu, o Maha Kumbh Mela, só se realiza de 12 em 12 anos, no dia de lua cheia do fim de Janeiro e congrega durante 40 dias 30 milhões de peregrinos. Trata-se, sem dúvida, da maior peregrinação religiosa do mundo.

Por outro lado os budistas, mais concentrados na China, são ainda em elevado número, apesar de terem grande dificuldade em visitar os seus lugares de peregrinação, muitos deles fechados e destruídos pelo actual poder político chinês. É o caso do lugar de nascimento do deus Buda no Nepal.

Os islamitas de todo o mundo pelo menos uma vez na sua vida fazem a sua *hadj* visitando Meca e Medina na Arábia Saudita constituindo assim, segundo a Organização Mundial do Turismo, a quase totalidade dos chamados turistas que visitam este país.

Voltando ao mundo da cristandade, de entre todas as peregrinações medievais são certamente as que se dirigiam a Santiago de Compostela e a Roma as que mais se aproximam do padrão de viagem que, embora com uma marcada finalidade religiosa, ultrapassa em muito essa dimensão. A peregrinação a Santiago, que teve início no século XI como uma peregrinação regional da Galiza e das Astúrias, cedo começou a atrair peregrinos de outros reinos europeus do norte da Europa, da França e do norte de Itália. "Fazer o Caminho de Santiago" rapidamente passou a ser mais do que uma mera peregrinação, começando a surgir durante o longo percurso – de ida e de volta – feiras, torneios de cavalaria e outras atracções que se desenrolavam nos principais locais de permanência, junto de conventos, mosteiros e castelos. Também a peregrinação a Roma era uma viagem cheia de aventuras e que permitiu divulgar a monumentalidade da cultura mediterrânea no norte da Europa. Anos mais tarde, no século XVIII, esta viagem voltaria a ser feita no chamado *Grand Tour* por aristocratas, artistas, intelectuais e curiosos despida, então, de qualquer dimensão religiosa, como aliás acontece hoje com a viagem feita pelos turistas dos países frios e adoradores do sol entre os seus países e, uma vez mais, as praias do Mediterrâneo.

Jerusalém, a cidade das três religiões

Jerusalém é a cidade mais universal em termos religiosos e onde as peregrinações e o turismo no espaço religioso atingiram uma expressão ímpar apesar do quase permanente estado de instabilidade política e militar que se vive na zona.

De facto as três mais importantes religiões do mundo, o cristianismo, o islamismo e o judaísmo, também chamadas as “religiões do livro”, a Bíblia e o Corão, consideram Jerusalém como cidade santa facto que a converteu num destino de peregrinação para milhões de crentes de todo o mundo, há muitas centenas de anos. Porém Jerusalém só esporadicamente se revelou um tranquilo lugar de oração universal. Ela foi no passado e é ainda hoje, um local de confronto sangrento de interesses políticos e militares como se pode concluir do pequeno relato da sua atribulada história que se faz seguidamente.

Cidade muito antiga de que há já notícia no longínquo II milénio a. C. no tempo do faraó Akhenátón¹⁷ que governava então aquela parte da Ásia e portanto também a pequena cidade de “Urushalim” ou cidade de Shalim, Jerusalém manteve-se desconhecida até à chegada à região das 12 tribos nómadas de Israel, congregadas pelo patriarca Abraão que, cerca de 2000 a. C. e obedecendo a uma inspiração divina, abandonou Ur, cidade da Mesopotâmia no delta do rio Eufrates¹⁸ pela pista das caravanas ao longo deste rio e, depois de viver em Harran¹⁹, deslocou-se para Canaã, na costa do Mediterrâneo oriental. Em 1400, depois de um forçado êxodo no Egipto que durou 400 anos, as tribos acabaram por se libertar da opressão egípcia graças à acção de Moisés tendo-se instalado onde é hoje Israel, após a conquista do território aos povos ocupantes. Aí se reorganizaram em federação de tribos.

No século XII a. C. os judeus escolheram a cidade de Jerusalém para sua capital unificada mas foi na época de David e sobretudo durante o reinado do seu filho, o rei construtor Salomão (972-933 a. C.), que a cidade assumiu uma maior projecção como “cidade de David”, local da Arca da Aliança que continha as duas tábuas de pedra com os dez Mandamentos e do Templo de Salomão²⁰ construído para a abrigar.

Foi então que a tribo de Israel e as restantes tribos do norte se separaram da tribo de Judá a cujo território Jerusalém pertencia e que a manteve como sua capital, enquanto Israel escolheu Samaria. Ficaram assim constituídos os Reinos de Israel a norte e de Judá a sul. Os israelitas só voltariam a Jerusalém na situação de refugiados, quando os assírios invadiram o seu território em 722 a. C. Ao pretenderem conquistar Jerusalém os assírios encontraram a cidade fortificada e abaste-

cida de água por acção do empreendedor rei Ezequias (716-687 a. C.), tendo desistido dessa acção militar e dirigido os seus exércitos para o Egipto. Mais tarde Nabucodonosor II (604-562 a. C.) acabou finalmente por conquistá-la destruindo o Templo em 587 a. C. e deportando as elites judaicas para Babilónia onde ficaram 49 anos até que em 538 a. C. os persas, comandados por Ciro II, conquistaram a Babilónia e libertaram os judeus que regressaram à sua terra e reconstruíram Jerusalém e o novo Templo (515 a. C.). Mas este período de descanso e paz não iria perdurar por muito tempo.

Os gregos, comandados por Alexandre O Grande, “conquistaram” Jerusalém entregue pelos judeus e Antíoco IV profanou o Templo construindo no Templo uma estátua do deus Zeus provocando a revolta dos judeus liderados pelos 5 irmãos Macabeus.

Em 63 a. C. Jerusalém foi mais uma vez conquistada, agora pelos romanos que, comandados por Pompeu, transformaram a Judeia numa província romana. Os novos conquistadores apoiaram o rei local Herodes o Grande que engrandeceu a cidade com novas e monumentais construções e reconstruiu o Templo em 20 a. C. Jerusalém era então uma enorme cidade com mais de 100.000 habitantes. Depois da morte de Herodes o Grande, o Imperador Augusto dividiu a reino pelos três filhos e pela irmã de Herodes: Arquelau, Herodes Antipas, Herodes Filipe e Salomé.

Depois de Cristo, em 66, os judeus revoltados contra os romanos opressores massacraram os soldados ocupantes o que levou a nova destruição do Templo²¹ agora por Tito, filho de Vespasiano, em 70 d. C. e a uma forte perseguição que deu origem à grande diáspora pelo mundo romano dos judeus que fugiam, assim, à escravatura. Do Templo não resta mais do que o Muro das Lamentações.

As revoltas que se seguiram contra o domínio romano, lideradas por Simão Bar Cocheba (132), revelaram-se infrutíferas e Jerusalém passou a chamar-se *Colonia Aelia Capitolina*. Adriano, como retaliação contra essas revoltas, mandou arrasar uma vez mais toda a cidade.

Entretanto, com a aparecimento e a difusão do cristianismo e a conquista do Oriente por Constantino, em 324, inicia-se um novo período de perseguições aos judeus que se dispersaram pela Mesopotâmia, pela Espanha, por Portugal e pela Turquia. Iniciou-se então o grande movimento de peregrinações dos cristãos a Jerusalém para visitar o túmulo de Cristo cuja localização havia sido, segundo a tradição, revelada em sonho à rainha Helena mãe do imperador que mandou construir várias basílicas. Começou então o chamado período bizantino (324-638) que durou até à chegada dos maometanos.

Em 614 os persas reconquistaram a cidade e em 638, seis anos depois da morte do profeta Maomé, o califa Omar entrou em Jerusalém, onde foi bem acolhido pelos cristãos e pelos judeus que desejavam

¹⁷ O faraó Akhenátón, casado com a célebre Nefertiti, foi defensor do monoteísmo com o deus Áton, deus da luz. O seu império chegava à Síria e à Palestina. Sucedeu-lhe em 1343 a.C. o faraó Tutankhâmon então com apenas oito anos.

¹⁸ Actualmente no Iraque.

¹⁹ No sul da actual Turquia.

²⁰ O 1.º Templo foi inaugurado em 950 a. C.

²¹ Esta foi a destruição do 2.º Templo.

libertar-se dos opressores e onde impôs o Islão que aí perdurou por 12 séculos²². Omar (segundo alguns historiadores, o califa Abd e-Malik) logo que entrou em Jerusalém foi visitar a rocha ou “pedra do sacrifício” onde Abraão, o patriarca comum às três religiões esteve prestes a imolar o seu filho Isaac salvo no último instante por Javé. Isaac era meio irmão de Ismael que segundo o Corão é o primeiro antepassado dos árabes. Sobre essa rocha e no local onde se situava o Templo de Salomão, foi então erigido o primeiro monumento arquitectónico do Islão a mesquita do Rochedo. Foi também em Jerusalém que Maomé viveu alguns mistérios sagrados incluindo a sua subida ao Paraíso, o que transformou esta cidade, ou melhor, a Esplanada das Mesquitas com a mesquita Al-Aqsa onde se situa também o Muro das Lamentações, num dos três lugares santos do Islão juntamente com Medina e Meca. O Muro das Lamentações é o que resta do Templo de Salomão em cuja colina foram construídas as duas mesquitas.

No princípio do século XI Al-Hakim, o “califa louco”, mandou destruir todos os templos cristãos e sinagogas e em 1071 os turcos seljúcidas pilharam a cidade e chacinaram todos os cristãos, dando origem ao movimento libertador desencadeado em 1095 pelo Papa Urbano II que convocou o povo cristão para uma cruzada contra os “infieis” cuja pressão militar sobre a cristandade aumentara. Em 15 de Julho de 1099 Jerusalém foi reconquistada por 15.000 cruzados²³.

Este reino dos cristãos no oriente durou apenas 88 anos tendo a sua capital sido conquistada aos cristãos divididos e em permanentes quezílias entre si, pelo rei egípcio Saladino em 1187 tendo-se iniciado um longo e profundo processo de islamização da região e da cidade reconquistada em 1516 pelos otomanos. Em 1517 o sultão otomano Solimão o Magnífico procedeu a grandes obras de reconstrução com o beneplácito dos milhares de judeus que, fugidos às perseguições da Inquisição, haviam afluído a Jerusalém então sob o domínio do tolerante império turco.

Jerusalém permanece durante séculos uma pequena cidade ignorada nos confins do império otomano mas onde continuam a viver cristãos ligados a Roma, Judeus, maometanos e cristãos ortodoxos que aí realizaram o Concílio de 1672 onde decidiram condenar o calvinismo embora mantendo-se desligados de Roma²⁴. Em 1816 os judeus da Europa Oriental começaram a afluir à sua cidade santa onde o pacha turco e os efendi árabes, que controlavam política e economicamente a cidade, sujeitaram os judeus a vários vexames o que despertou a revolta dos judeus europeus que financiaram a construção de uma nova cidade só para os seus irmãos de religião.

Nas vésperas da 1ª Grande Guerra os judeus eram já em maior número que os cristãos e os muçulmanos juntos numa população de 72.000 habitantes. Em 11 de Dezembro de 1917, com a queda do Império Otomano, os turcos abandonaram Jerusalém e renderam-se aos ingleses que transformaram a cidade, simultaneamente, em capital da Palestina então sob mandato britânico dado pela Sociedade das Nações, em capital de uma grande nação árabe em gestação e no futuro lar nacional para os judeus. O movimento sionista internacional apoiou então o vitorioso movimento de guerrilha anti-britânico e Jerusalém acabou partilhada de acordo com uma resolução das Nações Unidas de 1947 que preconizava a sua internacionalização mas que nunca foi cumprida. Em 14 de Maio de 1948 David Ben Gurion declarou a independência de Israel que em 1967 conquistou Jerusalém durante a guerra dos seis dias. Os palestinianos reagiram com a guerra da Intifada não mais tendo havido paz até hoje.

Em resumo podemos dividir a história de Jerusalém nos seguintes períodos:

Períodos	Duração	Factos relevantes	Monumentos e edifícios históricos
Canãanita	Até 1000 AC		Cidade de Urshalim
Salomónico	1000 até 586 AC	David e Salomão reconstroem Jerusalém que é destruída pelos assírios	Túnel de Ezequias
Persa e grego	538 a 70 DC	Conquista por Ciro II e por Alexandre o Grego. Os romanos chegam em 63 A. C.	Muro Ocidental
Romano	63 a 132	Destruição do Templo e de Jerusalém	
Bizantino	324 a 638	Rainha Helena, mãe de Constantino, manda construir as Basílicas	Basílica do Santo Sepulcro
1.º período muçulmano	638 a 1099	Conquista pelo Califa Omar	Mesquita Al-Aqsa
Cruzadas	1099 a 1187		
2.º período islâmica	1187 a 1517	Saladino conquista Jerusalém. Reino dos Mamelucos	
Período otomano	1517 a 1917	Primeiras imigrações de judeus	
Mandato britânico	1917 a 1948		
Jerusalém dividida	1948 a 1967	Proclamação do Estado de Israel	
Unificação	1967 em diante	Jerusalém é ocupada durante a guerra dos 6 dias	

Apesar destes acidentados episódios históricos a cidade de Jerusalém que permanece dividida entre os palestinianos e os judeus,

Turismo religioso

²² O chefe berbere Tarik entrou na península ibérica em Julho de 711, por Algeciras, e só mais de 7 séculos depois, em 1492, o reino de Granada foi reconquistado pelos cristãos.

²³ Realizaram-se oito cruzadas, a 1ª em 1095-1101, a 2ª em 1145-1148, a 3ª em 1188-1192, a 4ª em 1202-1204 (desviada para Constantinopla), a 5ª em 1217-1221, a 6ª em 1228-1229, a 7ª em 1248-1254 e a 8ª concluída pela morte do rei São Luís em 1270.

²⁴ Só a Igreja Ortodoxa Uniate na Ucrânia ocidental e com base em Lvov segue a liturgia ortodoxa mas mantém a obediência a Roma.

foi sempre um destino para milhões de peregrinos que sentem nela uma atracção religiosa que se sobrepõe ao risco evidente e constante de uma visita.

Quando se fala em turismo religioso não é possível ignorar este complexo fenómeno que se chama Jerusalém e onde se encontram religiões como o judaísmo, o islamismo, o cristianismo com os cristãos ortodoxos, os arménios, os coptas e ortodoxos sírios, os etíopes, os católicos e os protestantes.

Apenas como informação adicional devemos ainda notar que quase toda a Turquia tem inúmeros monumentos, conventos e templos cristãos que constituem hoje destino de muitas viagens turísticas e religiosas organizadas por agências de viagens especializadas.

O turismo no espaço religioso

Vimos já como é abordado o fenómeno turístico e o turismo religioso a partir do universo religioso. Vamos agora analisar de forma muito sucinta o fenómeno religioso e o turismo religioso numa óptica eminentemente turística ou, como diz Michel Bauer da Universidade da Sabóia²⁵, o "turismo no espaço religioso", ou, se quisermos ainda, a fruição turística do espaço religioso.

O turismo religioso, visto do polo secular, tem como actores turistas que, na sua grande maioria, não têm qualquer motivação religiosa. Estes, embora não sendo peregrinos, visitam, tal como os crentes, locais de culto ou o "espaço religioso" como monumentos, catedrais e santuários, uns e outros também espaços pedagógicos e androgógicos²⁶.

A Associação das Catedrais Europeias afirma que 60% do património turístico e cultural europeu²⁷ visitado pelos turistas é religioso e, confirmando de alguma forma esta afirmação, verificamos que, em Portugal, os monumentos mais visitados por turistas são o Mosteiro dos Jerónimos e o Mosteiro da Batalha com cerca de 500.000 visitantes nacionais e estrangeiros por ano cada um. Este interesse dos turistas, crentes e não crentes pelo património religioso justifica-se porque se trata de sinais da memória colectiva e de expressões materiais de cultura.

Deve por isso, estar disponível para ser contemplado por todos, visitantes nacionais ou estrangeiros, crentes ou não crentes apesar de nem sempre ser fácil gerir esta disponibilidade. De facto, a simultaneidade de actos de culto com visitas de motivação apenas turística causa sempre alguma incomodidade e perturbação, tornando difícil compatibilizar a ocupação do espaço, os horários, em suma as visitas de turistas ou de grupos de turistas nem sempre silenciosos e muitas vezes trajando com demasiada ligeireza para a dignidade do local em que se encontram.

²⁵ Bauer, Michel, *Tourisme religieux ou tourisme en milieu religieux*, Cahiers Espaces n.º 30.

²⁶ Do grego "andros" = masculino, maduro, adulto.

²⁷ Entre 1050 e 1350 só em França foram construídas 50 catedrais e 500 igrejas.

Outros aspectos importantes da gestão dos bens culturais eclesiais são a sua gestão, conservação e preservação sobre os quais foi produzida, em 1994, uma recomendação conhecida pela Carta da Vila Vigoni, local situado no Lago de Como, no norte de Itália, onde se realizou um encontro promovido pelo Secretariado da Conferência Episcopal Alemã e pela Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja sobre "A conservação do património cultural como dever do Estado e da Igreja". Logo no primeiro ponto se afirma que "os bens culturais constituem a expressão mais forte da tradição cristã vivida por inúmeras gerações de crentes. Como tal, representam uma parte essencial da herança cultural da Humanidade. Do mesmo modo esse património é conjuntamente uma manifestação de Deus à Humanidade e uma elevação do Homem para Deus constituindo testemunhos da identidade e da tradição dos povos". Resulta, deste princípio, que cabe à Igreja e ao Estado não só promover a conservação desse património, evitando a sua secularização, dispersão e profanação como disponibilizá-lo para ser apreciado por todos, nomeadamente pelos turistas.

Conclusão

Para além do ponto de vista social e cultural, também sob o ponto de vista económico o turismo religioso é importante, não apenas pelo elevado número de turistas crentes e ateus que movimenta, mas também por garantir o necessário rendimento para os investimentos feitos nos seus destinos, em instalações turísticas e hoteleiras, meios de transporte e artesanato. Se notarmos que os locais de culto religioso se situam normalmente longe dos destinos turísticos tradicionais, podemos também dizer que o turismo religioso é um importante factor de desenvolvimento regional. É o que acontece em Fátima, em Lourdes, em Meca e em muitos outros destinos cuja existência certamente desconheceríamos se não tivessem esta ligação aos fenómenos turístico e religioso.

Outros aspectos interessantes do turismo religioso, mas que infelizmente não vamos ter tempo de abordar, são a especificidade das técnicas e dos meios relativos à organização das viagens ou peregrinações e à sua comercialização e o estudo e caracterização sócio-cultural dos turistas no espaço religioso.

Não havendo muitos estudos sobre este assunto em Portugal, parece que sobre a importância do turismo religioso no nosso País não podemos dizer muito mais do que aquilo que já se disse e que resumimos concluindo: em primeiro lugar, que entre nós, o turismo religioso, apesar de existente e com grande pujança, ainda não mereceu o favor da atenção dos responsáveis pelo turismo nacional ou apenas começa agora a merecê-lo.

Por fim, que se trata de um tipo de turismo que em Portugal tem grandes possibilidades de expansão, quer interna, quer externa e que se

devem e fundamentam em razões sócio – culturais que caracterizam o povo português, religioso, crente e sem qualquer inibição em mostrar a sua Fé.

De tudo o que foi dito podemos ainda concluir que o turismo religioso se caracteriza pela multifuncionalidade da deslocação e pela sobreposição de objectivos ou motivações.

A primeira característica, a multifuncionalidade da deslocação, poderá definir-se como a possibilidade de se utilizar a viagem ao local final da peregrinação – seu objectivo principal – para também se visitarem outros locais de interesse apenas turístico e não religioso.

Da mesma forma, um turista secular que visita Roma pode ir, embora sem qualquer motivação religiosa, a S. Pedro ou à Capela Sixtina. Em resumo, o maior ou menor ênfase das componentes religiosa e profana numa viagem determinam a sua taxinomia.

Outras questões importantes, relacionadas com o turismo religioso são a sua relação, de apoio ou de perseguição²⁸ com o mundo político, com a antropologia, com a geografia (será que o turismo religioso tem a mesma universalidade que outros tipos de turismo?); o significado da sazonalidade neste tipo de turismo (não é verdade que só há um 13 de Maio em cada ano?); as características da especificidade do *marketing* do turismo religioso, etc.

Apesar do manifesto interesse em aprofundar tão interessante estudo, de momento cabe-nos apenas afirmar claramente a sua importância cultural, social e económica para Portugal, a par de outros tipos de turismo mais recentes mas, como vimos, já praticamente esgotados. E fiquemos por aqui, questionando apenas, ou melhor, meditando sobre a razão que a razão não entende, que leva a que o turismo religioso, apesar de milenar, continue tão vigoroso. Mas isso é assunto para outro trabalho que, quanto a este, como se vê, sobra-me o assunto mas falta-me o tempo e o espaço.

²⁸ Nos anos 60 e 70, durante a Revolução dita Cultural na China foram destruídos os locais sagrados do Budismo e do Lamismo e exterminados os seus sacerdotes e fiéis, como aliás já acontecera aos primeiros cristãos.